PENSANDO O ALCANCE DO GÊNERO MUSICAL ATRAVÉS DAS CONTROVÉRSIAS DA NOVA MPB

THINKING ABOUT THE REACHING OF MUSICAL GENDER THROUGH NEW MPB CONTROVERSIES

Laís Barros Falcão de Almeida[1]

Abstract *— The study of controversies allows registering the socio-technical networks in Actor Network Theory (ANT), when trace discussions, debates and polemics can reveal interesting associations to understand various issues related to a particular subject. The article then presents the traceability of the title "new MPB" by musicians, journalists and the public to classify a new generation of brazilian musicians as a warm controversy in progress, identifying some of the human and non-human actants and outlining the network the league themselves, taking into account the representation, influence and interest of each, which will lead us to not only move the concept of genre for the networks, leaving for an approach emphasizing the significant role of technology and communication in the process of genesis and transformations of musical genres, but also think the potencial and attainability of musical genres to pervade years and generations through the controversies.*

Index Terms — ant, controversy, socio-tchnical networks, new mpb, musical genre.

CARTOGRAFANDO CONTROVÉRSIAS

A Cartografia das Controvérsias (CC) foi desenvolvida por Bruno Latour[1] em seus estudos sobre a Teoria do Ator Rede (TAR) como um conjunto de técnicas para explorar, visualizar e rastrear discussões, debates e polêmicas e revelar associações interessantes sobre diversas questões relacionadas a determinado assunto contemporâneo. O que teve início como um método didático para treinar colegas estudiosos na investigação de controvérsias, ultrapassou seu uso original para ser adotado e desenvolvido em várias universidades na Europa e nos EUA como método de pesquisa completo, isto é, uma metodologia para registrar redes sociotécnicas. O projeto de pesquisa europeu MACOSPOL (MApping Constroversies in Science and technology for POLitics[2]) é um núcleo de pesquisa na área e teve suas principais discussões publicadas por Tommaso Venturini[3], um estudioso e entusiasta do trabalho de Latour, responsável pela introdução de algumas das principais técnicas e ferramentas de que um cartógrafo do social precisa.

Estudar as controvérsias é praticar a TAR, e, por isso, evita complicações conceituais e livra os pesquisadores do encargo de desenvolver discussões e sutilezas teóricas profundas, visto que seu método é minimalista, baseado em observar e descrever apenas. Contudo, Tommaso Venturini [3] alerta que a CC não é uma forma simplificada da TAR, mas sim um exercício árduo e sua investigação não é facilitada, mas sim laboriosa, visto que as controvérsias podem tomar caminhos tortuosos. Para a observação da complexidade das controvérsias, Venturini indica três mandamentos para uma observação inicial: 1) não restringir a observação a uma única teoria ou metodologia; 2) observar de quantos pontos de vistas for possível e 3) ouvir as vozes dos atores mais do que as suas próprias presunções.

A noção de desentendimento em seu sentido mais amplo é fundamental para se pensar a controvérsia, visto que a controvérsia existe quando há falta de consenso e aprovação entre as partes, são situações/ações onde os atores discordam ou concordam com o seu desacordo e a controvérsia acaba quando os atores estabelecem um consenso, estabilizando, encerrando ou fechando em caixas pretas o assunto. As principais características das controvérsias, segundo Venturini[3], são que as controvérsias envolvem todo tipo de atores, humanos e não-humanos; mostram o social na sua forma mais dinâmica; são formas de resistências; são debatidas e conflituosas e deve-se evitar controvérsias inertes, antigas, ilimitadas e confidenciais (não disponíveis para debate público).

Ao descrever uma controvérsia, o pesquisador, segundo Venturini [4], deve ajustar a noção de proporcionalidade nos seus objetivos de pesquisa ponderando as visibilidades de cada ponto de vista de acordo com sua representatividade, sua influência e seu interesse. A representatividade depende de quantos atores aceitam o ponto de vista, sua influência é mobilizada pelos apoiadores e aliados de um ponto de vista, o interesse é despertado pelas minorias discordantes que oferecem perspectivas originais para questionar assuntos que são dados como certos e cada ator tem posições diferentes que dão a eles o poder ou não de afetar a ação de outros atores. Dito isso, além dos mandamentos para a observação, Venturini acrescentou-se quatro recomendações para descrever as controvérsias: 4) ajustar suas descrições e observações de forma recursiva; 5) simplificar a

[1] Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), lais_falcao@yahoo.com.br.

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.84-88
© 2015 COPEC

complexidade respeitosamente; 6) atribuir a cada ator a visibilidade proporcional ao seu peso e 7) fornecer descrições que são adaptadas, redundantes e flexíveis.

Para colocar em prática a TAR e ilustrar as colocações dispostas na parte inicial desse trabalho, será feito o rastreamento do uso do título "nova MPB" por músicos, jornalistas e público para classificar uma nova geração de músicos brasileiros no século XXI, o que gerou controvérsias sobre o assunto. Portanto, a seguir, será feita a identificação geral da controvérsia nova MPB, identificando alguns dos actantes humanos e não-humanos e esboçando a rede que os liga, levando em conta a representatividade, influência e interesse de cada um, visto que observar e descrever a controvérsia mostrará a nova rede sociotécnica em construção presente na Nova MPB e quais as associações existentes entre seus principais atores.

RASTREANDO AS CONTROVÉRSIAS DA NOVA MPB

No início do século XXI, começou a aparecer no cenário nacional uma nova geração de músicos disposta a fazer música brasileira de forma independente, sem o apoio de grandes gravadoras, disponibilizando suas músicas na internet para download, formando parcerias em discos e apresentações ao vivo entre eles. Apenas 10 anos depois, em julho de 2008, a matéria "Chega de Saudade: Você acha que desde os anos 60 e 70 não se faz mais MPB de qualidade? Conheça os talentos da nova geração de cantores e compositores", dos jornalistas Flávio Júnior e Marcio Orsolini[5] para a revista Bravo!, apontava os músicos Curumin, Romulo Fróes, Nina Becker, Fernando Catatau e o letrista Jonas Sá como representantes da nova geração, o que não demorou muito para questionamentos sobre o que vêm sendo produzido pelos novos artistas brasileiros serem levantados e começar um verdadeiro debate sobre o assunto.

"Ninguém é de ninguém: a nova realidade" foi o título da matéria de Ronaldo Bressane[6], para a revista Trip, em 11 de junho de 2009, com ensaio fotográfico de Rui Mendes recriando a clássica capa da revista Realidade de 1966, mas agora com nove músicos apontados pela revista como os representantes do panorama musical 00 na MPB: Júnior Barreto, Hélio Flanders, Thalma de Freitas, Rômulo Fróes, Ganjaman, Tatá Aeroplano, Catatau, Kassin e Céu. O maior destaque da matéria são as "parcerias inusitadas", que Bressane usa para explicar o fato dos novos representantes da MPB tocarem um com o outro, até mesmo artistas e bandas de gêneros musicais diferentes, como consequência da importância dos shows e da dinâmica presente nas redes, online e interativa, da internet, não para esses músicos trocarem experiências, mas também para criarem oportunidades de veicular seus trabalhos.

Bressane coloca a aproximação de artista e bandas de diferentes gêneros musicais não como uma nova proposta estética desses representantes, mas como um novo modo de trabalho para esses artistas, fazer parcerias uns com os outros. Assim, a lógica cooperativa dos novos representantes da MPB configura uma característica comum entre eles, a do "troca-troca", ou a grande quantidade de parcerias, representando um panorama comparado a um filme do Quentin Tarantino ou um livro de Roberto Balaño, por Bressane, onde "um personagem secundário em uma cena pode ser o principal narrador na seguinte e vice-versa". Por fim, o jornalista traça uma rede de colaborações dos nove artistas selecionados pela revista Trip com outros 66 músicos, chamada de "troca-troca".

Seguindo uma proposta semelhante à revista Trip, em 29 de abril de 2012, a revista Serafina, da Folha de São Paulo, publicou uma matéria intitulada "Artistas fazem Nova MPB mesmo sem o apoio de grandes gravadoras", do jornalista Marcus Preto[7], com um outro ensaio fotográfico recriando fotos de álbuns clássicos da MPB, inclusive a capa do álbum Tropicália ou Panis et Circencis, produzido em 1968 e ícone do movimento. Se antes as matérias falavam sobre a cena contemporânea de musical brasileira, esse texto aponta para as dificuldades de classificações desses artistas, a não aceitação de conceitos como "cena" ou "geração", mas apontando para uma tentativa de construir um público. O principal ponto da matéria é a nomeação de "Nova MPB" para se referir aos trabalhos de Criolo, Mallu Magalhães, Rômulo Fróes, Emicida e Marcelo Jeneci.

O uso do título "nova MPB" continua a ser utilizado por jornalistas para se referir cada vez mais a um número maior de músicos como Marcelo Jeneci, Thiago Pethit, Tiê, Thalma de Freitas, Márcia de Castro, Cícero, Mariana Aydar, Wado, Bárbara Eugênia, Karina Buhr, Tulipa Ruiz, Ana Cañas, como também pelas críticas, por exemplo, as matérias "O mito da „Nova" MPB: quem vai chutar esse balde?", publicada pelo jornalista Marco Antônio Barbosa[8] em 2012, no seu Blog chamado de "Telhado de vidro versão 2.0.1", e "O sucesso da nova MPB e o fracasso da música impopular brasileira", feita pelo jornalista André Forastiere[9] e publicada no site R7 de notícias, também em 2012.

A linha comum que parece nortear as matérias mencionadas é o reconhecimento de novas estratégias de produção, divulgação e consumo, a partir de gravadoras e selos independentes, das parcerias constantes entre músicos na produção de discos, em shows e festivais como forma de divulgação de seus trabalhos individuais, assim como o uso das redes sociais Myspace, Facebook, Twitter e o site Youtube, para um público que está conectado e acompanhando a dinâmica das redes e que também tem outras formas de escuta das canções online, da ordem de um novo momento da indústria da música. Por outro lado, também o reconhecimento de como esses músicos afirmam ter como influência uma MPB tradicional e ao mesmo tempo fazer uso de gêneros musicais tão diversos, como hip hop, samba e reggae, definindo para cada um deles um estilo diferenciado.

Saindo do uso da nova MPB pelos jornalistas e entrando nas falas dos músicos, alguns rejeitam o uso de rótulos para

seus trabalhos, como a cantora e compositora Céu que em entrevista afirma não pensar em que tipo de música estar fazendo, mas simplesmente fazer música[10]. Outros que preferem o termo "geração", como o caso do cantor e compositor Romulo Fróes[11], falando sobre a nova MPB para a revista Ilustrada, da Folha de São Paulo, em 13 de junho de 2011. Ele foi apontado pelo músico Rogério Skylab[12] como o arauto da nova MPB, na revista Ilustrada, pela sua proposta de revolucionar a música brasileira e sempre estar disposto a falar sobre em entrevistas, o que aquece a controvérsia sobre o tema.

Outra questão que figura as controvérsias sobre o uso da Nova MPB é como os álbuns recebem o rótulo de "nova MPB", "MPB" ou "pop" nos sites das gravadoras e lojas online, por exemplo, o disco "Gambito Budapeste", lançado em 2012 por Nina Becker e Marcelo Callado, é vendido no site Bolacha Discos como "nova MPB" e na iTune Store como "MPB" e descrito pela gravadora YB Music como "pop", o que acontece também com álbuns de outros representantes da nova MPB, como o disco "Um labirinto em cada pé", do cantor e compositor Romulo Fróes, lançado em 2011 pela YB Music, que é colocado no site da gravadora como "MPB" e no iTune Store como "pop".

A nova MPB é reconhecida por um público que circula por sites ligados à música, como o LastFM[13], onde a tag "nova mpb" foi criada por 273 pessoas e utilizada no site 1.018 vezes para classificar os artistas como Rômulo Fróes, Marcelo Jeneci, Thalma de Freitas, Céu, Nina Becker, Márcia de Castro, apontados nas críticas como os representantes da nova MPB, e também outros artistas: Cícero, Silva, Mariana Aydar, Wado, Bárbara Eugênia, Karina Buhr, Tiê, Tulipa Ruiz, Ana Cañas, etc[14]. Recentemente, o aplicativo Spotify[15], através de seu perfil Spotify Brasil, criou uma *playlist*[16] com 50 músicas chamada "A Nova MPB" e conta com 26.483 seguidores.

É importante ressaltar que o site LastFM e o aplicativo Spotify contam com sistemas de recomendações baseados na filtragem colaborativa, isto é, quando as reações e avaliações dos usuários formam algaritmos que representam padrões de gostos musicais, em outras palavras, formas de rotulação e classificação digital que não são neutros e revelam disputas de valoração, por isso, segundo Sá[17], devem ser reconhecidos como mediadores ou tradutores aos quais delegamos a tarefa de nos dar dicas, sugestões e indicações culturais nas redes digitais.

As diversas apropriações da nova MPB suscitam discussões sobre o a indústria musical, o que seria uma MPB antiga/tradicional e mostra como ela se configura em uma controvérsia quente, presente, pública, acessível e de certa forma limitada pelo seu uso, o que nos permite identificar os jornalistas, os produtores, os músicos, as gravadoras, as lojas, o público e os sistemas de recomendações como principais actantes humanos e não-humanos de uma rede sociotécnica, e não apenas de intermediários, mas de mediadores, onde as associações entre eles, muito mais que conexões e parcerias entre músicos, como na matéria de Bressane, mostram uma distribuição na delegação da responsabilidade de classificar os artistas, álbuns e a capacidade de estabelecer e modificar regras e convenções.

Em outras palavras, a tarefa de classificação que antes ficava a cargo das gravadoras, lojas e suas categorias de mercado e vendas, e da imprensa com suas rotulações, com base no que os músicos forneciam à ela, mas também com uma certa liberdade de interpretação, na contemporaneidade parece se deslocar mais para a determinação dos próprios músicos e agora também do público e dos sistemas de recomendações, aumentando ainda mais uma disputa entre estratégias de produção de sentido inscritas nas músicas e nos álbuns e também uma disputa por influência para delegar quais os valores e gostos devem ser adotados pela Nova MPB.

A emergência da rotulação "Nova MPB" parece na sua fase inicial surgir mais para dar conta de diferentes questões contemporâneas sobre a indústria da música e o uso de novas ferramentas comunicacionais com o advento da internet. Em seguida, a nova MPB parece se deslocar mais para as relações estabelecidas entre seus representantes, enquanto fenômeno dinâmico. E o fato de servir também para classificar um número cada vez maior de artistas de estilos variados, mostra como a nova MPB é autotransformável e variável a cada uso, a cada ponto de vista diferente.

O ponto de vista do músico e produtor, quem tem autoridade na posição de autor para falar sobre seu produto/obra de arte, que também tem suas ações influenciada pelos fãs, dispensa o uso da classificação, por causa de seus interesses, ideologias e visões de mundo, o que afeta o processo de venda do produto, visto que as lojas e gravadoras tem seus pontos de vista certificados apenas pelas pesquisas de vendas e comportamentos junto aos consumidores com o objetivo de atingir números de vendas, sem a classificação dos artistas nesse processo. O jornalista, cujo ponto de vista possui credibilidade adquirida pela sua formação e pela empresa/meio de comunicação que representa, capaz de provocar polêmicas e suscitar debates no campo cultural, ocupa uma posição que apesar de sofrer influência dos artistas, das gravadoras, das lojas e dos leitores, goza de mais liberdade para usar novas classificações ou nomear acontecimentos, como o caso da Nova MPB. O ponto de vista dos ouvintes e consumidores que ao mesmo tempo influencia e são influenciados por músicos, produtores, gravadoras, lojas e imprensa, fornecem dados para pesquisas das gravadoras, lojas e sistemas de recomendação nas plataformas musicais, reconhece e utiliza a Nova MPB.

Os pontos de vistas, as práticas de rotulação e classificação e as posições dos atores vão sempre entrar em ressonância ou contradição uma com a outra e exigir um certo reajuste, mas sempre para um cumprimento estratégico de configurar uma nova rede sociotécnica entre esses actantes e mediadores que podem ser formada por mudanças nas posições dos atores, mudanças nos seus pontos de vistas,

de sua reprensentatividade, influência e interesse, a adição de um novo ator, entre outros. O caso da Nova MPB então, parece ser mais da ordem da perda de representatividade e influência das grandes gravadoras, assim como na influência e interesse dos consumidores, que passam a ter papéis mais ativos no processo e no advento de novos atores, como os sistemas de recomendações nas plataformas musicais na internet.

ABRINDO A CAIXA PRETA DA MPB

A simples afirmação de que existe a Nova MPB é suficiente para levantar questionamentos: O que é a Nova MPB? O que é a antiga MPB? Quem são os representantes da Nova MPB? Quem são os representantes da MPB tradicional? Quais as características da Nova MPB? Quais as regras da MPB? Quais as influências dos representantes da MPB para os representantes da Nova MPB e inversamente? Como uma música, disco, artista podem ser classificados? Por que a MPB possui várias classificações? A Nova MPB atualiza a MPB? Por que artistas que foram classificados como Nova MPB hoje são considerados MPB?

E a divergência de pontos de vistas não são apenas sobre quais questionamentos devem ser feitos, mas também nas respostas, o que não só faz da Nova MPB uma controvérsia, como desestabiliza as discussões sobre a própria MPB que antes estavam dormentes, harmonizadas, fechadas em uma caixa preta entendida como uma associação temporária estabilizada de dispositivos, entendidos estes no sentido foucaltiano do termo, como um conjunto de técnicas, projetos, legislação, normas, hábitos[18]. E que o advento de uma controvérsia, a Nova MPB, atualiza e transforma o conjunto de técnicas, projetos, regras e convenções da MPB.

Apesar da Cartografia das Controvérsias dar visibilidade a nova rede sociotécnica presente na Nova MPB, identificando jornalistas, músicos, produtores, gravadoras, lojas, sistemas de recomendações e público possuem papéis de mediadores, e a representatividade, influência e interesse de cada um, as transformações que a nova MPB propõe a MPB não podem ser descritas apenas pela Cartografia das Controvérsias, uma vez que, mais que identificar o tipo de relação entre os actantes, seria preciso mostrar a qualidade das associações e seus valores através da descrição das práticas criativas dos artistas da nova MPB, suas táticas e estratégias comerciais, isto é, um estudo aprofundado sobre o estilo de cada artista ou de um artista específico, suas propostas estéticas e comerciais que tanto o individualizam dentro de certo gênero musical quanto atesta sua vinculação com o mesmo, analisar como um músico ou uma banda mover-se dentro ou através de um gênero musical.

Porém, dada a complexidade, flexibilidade, e dinâmica dos gêneros musicais, estudá-los se configura sempre como um processo complexo, lento, resultados de várias associações, até mesmo interdisciplinares. A Cartografia das Controvérsias pode ser uma aliada fundamental durante a pesquisa, mas precisam existir outras metodologias de suporte, capaz de dar conta das questões descritas acima.

A POTÊNCIA E O ALCANCE DO GÊNERO MUSICAL ATRAVÉS DAS CONTROVÉRSIAS

Se por um lado, a Cartografia das Controvérsias, com seus métodos de observação e descrição, que proporcionam o rastreamento da controvérsia, identificação de atores humanos e não-humanos, suas posições e ações, mas sem mostrar a qualidade das associações e o processo de construção de valores, regras e normas para os grupos, por outro, dá visibilidade a nova rede sociotécnica que é formada a cada controvérsia, e como a controvérsia funciona como uma das chaves para atualizar o gênero musical, visto que traz mudanças nas regras do gênero, nas posições dos atores, mudanças nos seus pontos de vistas, de sua representatividade, influência e interesse, adição de um novo ator, entre outras. E se olhar a controvérsia é ver o social se formando em novas redes, na disputa pela estabilização, ela pode servir para o entendimento das práticas de gênero, revelar questões de ordens política, técnica, estética, cultural, social, de poder, etc., em seus embates nos processos de formação, transformação e consolidação do gênero musical em sua saga conturbada através de anos e gerações.

Não tem nada de inovador em apresentar a controvérsia como potência dos gêneros musicais, Simon Frith [19] em 1996, afirmava que "a origem dos gêneros continuam a ser uma questão de um elaborado e insolúvel debate. Ou, para colocar isso de maneira sensata, o processo de rotulação do gênero é compreendido mais como algo conspiratório do que como algo inventado individualmente, como o resultado de um livre acordo entre músicos e fãs, escritores e DJs" e que é virtualmente impossível dizer onde um novo termo (house, rave, rap, grunge, nova mpb) surgiu pela primeira vez. O que não se pode afirmar mais, após a Teoria do Ator Rede e a Cartografia das Controvérsias é que esse debate é insolúvel, visto que as controvérsias vêm e vão, trazendo mudanças, ajustes, soluções para o gênero musical; que é conspiratório, visto que fazem parte de um debate público que pode ser rastreado e mapeado; que é um livre acordo, pois o surgimento do gênero musical está justamente no desentendimento entre os atores e não em um consenso.

REFERÊNCIAS

[1] Latour, B, Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede, *Edufba*, 2012.

[2] www.mappingcontroversies.net

[3] Venturini, T, Diving in Magma: How to Explore Controversies With Actor-Network Theory, *Public Understanding of Science,* 19, 2010.

[4] Venturini, T, Building on Faults: How to Present Controversies With Digital Methods, *Public Understanding of Science,* 21, 2012.

[5] Flávio, J; Orsolini, M., Chega de saudade, *Bravo!*, 131, 2008.

[6] Bressane, R, Ninguém é de ninguém: a Nova Realidade. *Trip*, 178, 2009.

[7] Preto, M, Artistas Fazem Nova MPB Mesmo Sem Apoio das Grandes Gravadoras, *Serafina*, 2012.

[8] Barbosa, M, A, O Mito da 'Nova" MPB: Quem Vai Chutar Esse Balde?, *Telhado de Vidro Versão 2.0.1*, 2012.

[9] Forastiere, A, O Sucesso da Nova MPB e o Fracasso da Música Impopular Brasileira, *Notícias R7*, 2012.

[10] Persia, M, Cantora Céu Toca em SP e Diz Que "Eótulo da MPB Ficou Limitado", ***Ilustrada***, 2007.

[11] Preto, M, Cantor Romulo Fróes Fala Sobre Idiossincrasias de sua Geração, *Ilustrada*, 2011.

[12] Skylab, R, Em Novo Álbum, Romulo Fróes se Distancia dos Ícones da MPB, *Ilustrada*, 2011.

[13] www.lastfm.com.br

[14] www.lastfm.com.br/tag/nova%20mpb

[15] www.spotify.com/br

[16] "Playlist" é uma lista de música que pode ser feitas por usuários no Spotify.

[17] Sá, S, P, Se vc Gosta de Madonna Também Vai Gostar de Britney! Ou Não? Gêneros, Gostos e Disputas Simbólicas nos Sistemas de Recomendação Musical, *E-Compós*, 2009.

[18] Lemos, A, A Comunicação das Coisas: Teoria Ator-Rede e Cibercultura, *Annablume*, 2013.

Frith, S, Performing Rites: on the Value of Popular Music, *Harvard University Press*, 1996.